resenhas



Autres écrits

JAIRO GERBASE

Resenha do livro de Jacques Lacan: *Autres écrits*.
Paris: Seuil, 2001.

O AUTOR É UM NOME-PRÓPRIO? É o proprietário de um texto? É alguém a quem se atribui um dito, um escrito? Como o autor se individualizou? Que estatuto lhe foi dado? A partir de que momento? Como o texto se relaciona com o autor?

O que é uma obra? De que elementos ela se compõe? Uma obra é aquilo que um autor escreveu? Tudo o que um autor escreveu ou disse é uma obra? Um endereço ou uma nota de lavanderia encontrada entre os papéis de um autor é obra ou não? Entre os muitos traços deixados por alguém depois de sua morte, como se pode definir uma obra?

O professor Cid Seixas lamentou que um matuto tenha rasgado, com receio de algum tipo de repressão, um bilhete que lhe fora escrito por Lampião, referindo-se à devolução de um facão. Para o professor, esse bilhete é uma obra?

Não vou comentar essas perguntas, muito menos respondê-las, porque Michel Foucault fez isso em seu artigo O que é um autor? Apenas as deixarei como pano de fundo de minha reflexão no momento em que me dedico a fazer uma resenha, a pedido de Clarice Gatto, para a *homepage* da AFCL – Brasil, de *Autres écrits* de Jacques Lacan.

O livro tem valor prático. A maioria dos textos ali contidos estava dispersa em diferentes periódicos. Doravante pode-se lê-los e citá-los em uma referência única. Não creio que seja isso que tenha animado a iniciativa do editor.

Dado que o livro comemora o centenário de nascimento de Lacan, talvez se queira dizer que o autor conheceu isso que se chama de eternidade, que ele mesmo definiu como o nosso sonho, a ausência de tempo.

Há outros interesses [*Besetzung*] em jogo, mas não seria mais que benefício secundário: a World Psychoanalitical Association, é verdade, se sustenta do nome-próprio de Lacan, assim como a International Psychoanalitical Association se sustenta do nome-próprio de Freud.

Será também sem ironia que se diga que a idéia de uma sobrevivência de Lacan seja um falso-semblante de um "retorno-a-Lacan"? Esse ato quer iluminar ou apagar Lacan?

Já existe uma ortodoxia lacaniana? Que outorga têm as instituições lacanianas não filiadas à WPA? Entre elas, agora, o Campo Lacaniano? Que compromisso de propagação se deve ter com relação ao ensino de Lacan, se ele mesmo disse aos italianos: "não faço propaganda para que haja analistas"? "A palavra propaganda", disse na oportunidade, "está associada desde muito tempo à idéia de fé, foi assim que a palavra nasceu – *fide*".

É interessante a idéia de Miller de que Lacan não acreditava que sua sobrevivência dependesse de fiéis, que ele acreditava existir fora disso. Porém o livro se ordena em uma lógica que parece fomentar a fidelidade à Lacan.

Começa com Lituraterre. Assim começando, se identifica aos *Écrits*.

Depois, em ordem cronológica, publicam-se os escritos não publicados nos *Escritos*, mas exaustivamente publicados em todo lugar. Os complexos familiares, texto controverso de Lacan, obteve, no Brasil, uma autorização da tradução. Coisa curiosa.

Maurice Merleau-Ponty vale a pena ser lido. Premissas da criminologia não descarta nada do artigo original. O discurso de Roma, quem não conhece? A psicanálise verdadeira, e a falsa, quem não sabe disso? Quem não conhece a duvidosa Carta de dissolução da Associação que dava estatuto jurídico à Escola Freudiana de Paris? Em certo sentido, isso não significa que a escola de Lacan persiste, como idéia, na EFP?

Enfim, há um único escrito de Lacan que, embora já tivesse sido publicado em *Scilicet*, mereceria um livro: L'Étourdit.